

Editor prop. José Bernardo da Silva

O INTERROGATORIO DE



ANTONIO SILVINO

24

A Tip São Francisco

JOSE BERNARDO DA SILVA

Rua Sta. Luzia, 253-Juazeiro do Norte Ce.

Agente em Recife: Lindalva Coste
Sobre a direção de Vendas Delarme
Monteiro Silva—Travessa do Siriga-
do n. 17—Recife Pernambuco.

Revendedores:

A "PERNAMBUCANA" de N. A. Silva
Mercado Modelo, 158 Salvador—Bahia

Distribuidor único e exclusivo das Histórias
em versos dos aplaudidos trovadores popu-
lares João Martins de Athayde—e José Ber-
nardo da Silva

Antonio Alves da Silva

Rua Riachoelo, 786

Terezina

Piauí

Lino Ferrelira Neto

Mercado Central Banca Trovas do Norte
São Luiz — Maranhão

Cícero Lino dos Santos

Rua Dr. João Moureira

Manaus

Amazonas

Pedro Tavares Campos

Av. Dalva, Bairro Marambaia.

Belem

Pará

**A Venda na Casa São José
De Antonio Emidio dá Silva**

Rua Cel. Estevam, 1325

Natal — Rio Grande do Norte

José Bernardo da Silva

O INTERROGATORIO DE

Antonio Silvino

Suas declarações ao chefe de
polícia de Recife

Na detenção do Recife
fui agora interrogado
pelo chefe de polícia
e que tenho revelado
a ele vou aos leiteres
contar em verso rimado

Disse-me o Dr. Mauricio:

Sr. Antonio Silvino
queira contar o seu passado
desde o tempo de menino
preciso saber porque
você tornou-se assassino

Respondi-lhe seu doutor
nunca aprendi a mentir
juro-lhe em nome de Deus
que a si hei de descobrir
todos os crimes que fiz
sem a nenhum omitir

Mesmo preciso dizer
que nada fiz escondido
e mesmo todos conhecem
minha vida de bandido
nem um crime me deshonra
dos que tenha cometido



- Então queira responder tudo que eu lhe perguntar diga o nome de seus pais o seu e queira explicar onde nasceu e porque se fez bandido sem par

- Pedro Batista de Almeida e Balbina de Moraes casados catolicamente foram meus legitimos pais eram filhos desse Estado de Pagueù naturais

Junto a Serra da Colina no distrito de Afogados de Ingazeira eu vi a luz nasci dia de finados tenho trinta e oito anos que já estão completados

Nasci em setenta e cinco num ano de inverno forte no dia 2 de novembro aniversario da morte por isso o cruel destino deu-me de bandido a sorte

Meu avô foi muito rico
e meu pai foi abastado
mas não mandou me educar
porque onde foi criado
o povo não aprecia
o homem civilizado

Ali se aprecia muito
um cantador, um vaqueiro
um amansador de poldro
que seja bem catingueiro
um homem que mata onças
eu então um cangaceiro

Meu pai fez diversas mortes
porem nunca foi bandido
matava em defeze propria
quando se via agredido
pois nunca guardou desfeita
e morreu por atrevido

Emquanto eu era pequeno
aprendi a trabalhar
chegando aos 14 anos
dediquei-me a vaquejar
abracei aos vinte anos
a profissão de matar

Disse-me o chefe: Silvino-
diga-me por qual razão
você ainda tão moço
abraçou tal profissão?
foi por um motivo justo
ou foi por inclinação?

- Não foi tanto por instinto
mas sim, por uma vingança
porque mataram meu pai
minha única esperança
e eu vioguei sua morte
para mim era uma herança

No ano de vinte e seis
meu pai foi assassinado
pela família dos Ramos
sendo sub-delegado
um deles José Ramos
já sendo nesse intrigado

Para punição do crime
ninguém se apresentou
a justiça do lugar
também não se interessou
inda hoje tenho em suspeita
que ela no crime auxiliou

E eu que vi a justiça
mostrar-se de fora a parte
murmurei com meus botões
tambem eu hei de arrumar-te
não quero código melhor
do que seja o bacamarte

Eu chamei pela justiça
esta não quiz me escutar
me valí do bacamarte
vi esse me auxiliar
nele achei todas as penas
que um código pode encontrar

No bacamarte encontrei
leis que decidem questão
que fazem melhor processo
do que qualquer escrivão
as balas eram soldados
com que eu fazia prisão

Minha justiça era reta
para qualquer criatura
sempre prendi os meus réus
em casa muito segura
pois nunca se viu ninguém
fugir duma sepultura

No dia 5 de Junho
do ano noventa e seis
fiz eu as primeiras mortes
matando dois duma vez
Manoel Ramos Cabiceira
e um tal João Rosa de Arês

Depois que fiz essas mortes
fiquei desacomodado
começou a perseguir-me
de Ingazeira o delegado
um tal de Francisco Braz
matei-o e fiquei vingado

Então a família Ramos
fugiu para Imaculada
onde por Delmirio Dantas
foi protegida e guardada
ali ao chefe do grupo
mataram numa emboscada

Desde esse tempo que vivo
sofrendo perseguição
e eu sempre me ocultando
para evitar a prisão
vi-me por isso obrigado
a tornar-me valentão

Em novecentos e sete
um meu parente e amigo
o velho Silvino Aires
dissera-me: vem comigo
ao Teixeira eu preciso
vingar-me dum inimigo

De 907 em Junho
nós cerquemos o Teixeira
e delegado Dantinha
deu uma boa carreira
foi isso que o livrou
de uma surra certa

Porque meu tio Silvino
desejava castigar
este delegado afoito
que um dia mandou cercar
sua fazenda e os moveis
da casa mandou quebrar

Quando nos desenganamos
de não pegar o Dantinha
voltamos pra Pageù
pra lugar que nos convinha
dali fomos pra Campina
onde uns parentes eu tinha

Fomos a vila do Ingá
com o Prisco nosso amigo
este encontrou na estrada
Marcelo um seu inimigo
este foi assassinado
por não fugir do perigo

Logo depois desse crime
meu tio o chefe voltou
para o Pageú de Flores
onde a policia o pegou
nosso grupo reuniu-se
e seu chefe me aclamou

Ao me ver chefe do grupo
meu nome proprio mudei
então por Manoel Batista
nunca mais me assinei
e foi Antonio Silvino
o nome que eu adotei

A justiça do Ingá
processou-me mais voltei
a essa vila e o paço
municipal, assatiei
e os processos que haviam
ali es incendiiei

Logo depois desse crime
em Cahotinho abracei
a profissão de marchante
depois lá verifiquei
praça da guarda local
e três meses políciel

Estava eu na guarda local
quando 1 doutor me chamou
e me disse: amigo Antonio
minha esposa me deixou
e se você for, buscé-la
seis contos de réis lhe dou

Está em Santa Filomena
a mulher a quem procuro
na usina de Santos Dias
traga-me ela que asseguro
terá seis contos de réis
isto eu lhe garanto e juro

Fui com meu primo Algemiro
e um grape que juntamos
cercar a usina citada
porem quando lá chegamos
nem o major nem a filha
em casa não encontramos

Uma mocinha da casa
talvez por ser imorudente
passou em frente a meu rifle
que feriu a inconsciente
lamentei a morte dela
por ter morrido innocente

Em abril de novecentos
fui cercado no Surrão
o alferes Paulino Pinto
matei nesta ocasião
só não matei o Angelim
por me faltar munição

Fugi do Surrão do Estado
de Pernambuco encontrei
a um dos meus inimigos
a esse não perdoei
Sebastião se chamava
esse cabra que matei

Estava eu em Pedreiras
no sertão do Siridó
quando a policia cercou-me
tambem atirei sem dó
dois sarg-ntos de policia
derribei dum tiro só

Tolentino perseguiu-me
mas pude a tempo fugir
e ao passar no Ingá
eu consegui descobrir
ali um meu inimigo
matei-o sem refletir

A quinze de Fevereiro
de n. vecentos e três
no povoado Figueiras
encontrei o mal freguês
Francisco Antonio Cabral
e matei-o dessa vez

Matei Marcos dos Pinhões
no mesmo ano em abril
ele me denunciara
cometendo um ato vil
e por isso eu resolvi
passá-lo pelo fuzil

Matei Severino Belo
no povoado Aroeiras
esse cabra era pombeiro
e dos mais ruins chaleiras
já tinha feito a policia
dar-me diversas carreiras.

Em novecentos e quatro
eu no Mogeiro me achava
quando o cabra Manoel Paz
pela estrada passava
matei-o porque tambem
matar-me ele desejava

Na Feira de Trapiá
vi-me obrigado a lutar
com o inspetor Ni acio
que me veio assassinar
brigamos quasi uma hora
e eu consegui o matar

Perto de Serra Redonda
Manoel Rodrigues matei
este andava a persegui-me
mas eu que nunca alisei
com um tiro e oito facadas
pra outro mundo o mandei

Eu me achava em Tatús
a vinte e seis de janeiro
de novecentos e seis
Zé Gouveia aventureiro
cercou-me, mas resultou
eu matar-lhe um cangaceiro

No Estado da Paraíba
com um correio encontrei
tomei as malas e abri-as
e depois que violei
as cartas que ella trazia
a todas incendiei

Em um lugar Serra Verde
município de Umbuzeiro
eu encontrei dois macacos
a oito de fevereiro
com dois tiros lhes provei
que sou muito escupeteiro

Em dias do mês de maio
eu matei em Cachoeira
perto de Caruarú
Pedro e Antonio Ferreira
fui depois a Manda-Ssia
onde encheram-me a algibeiras

Em São José dos Cordeiros
mandei q'è 1 velho arrancasse
uma botija e a mim
tudo dinheiro entregasse
meu intento era fazer
a alma do velho salvarse

Chegaram então dois rapazes
que do velho eram parentes
e contra mim os dois tolos
se meteram de valentes
vi-me obrigado a matar
um desses dois imprudentes

Num dia do mês de julho
eu em Facundes cheguei
e ali dois negros chaleiras
com duas surras matei
eles a mim foram falsos
por isso não os perdoei

A vinte e sete de maio
de novecentos e dez
matei o alferes Mauricio
que tinha calos nos pés
de andar no meu encaço
e nunca tremeu revez

Matei também um soldado
que vinha me rastejando
então o resto da tropa
correu quasi que voando
por isso não matei mais
uns três ou quatro do bando

Em setembro fui a barra
de S. Miguel, visitar
lá dois soldados quizeram
comigo se arreliar
um eu matei e no outro
uma surra eu mandei dar

Matei no Riacho Seco
o negro Antonio Carão
fiz-lhe por cima do corpo
uma colvara e então
aticei fogo e deixei-lhe
virado em cinza e carvão

De novecentos e doze
em sete de junho entrei
na vila Santa Luzia
e o comercio coletei
e no capitão Aristides
uma grande surra dei

As malas de um correio
perto de Patos tomei
e toda correspondencia
que ela trazia queimei
foi essa a terceira vez
que esse crime eu pratiquei

Dr. contei-lhe a historia
dos crimes que cometi
disse-lhe a pura verdade
pois nem uma omitti
aos que eram meus inimigos
sempre ativo as persegui

Tomel dinheiro dos ricos
e os pobres entreguei
protegi sempre a familia
moças pobres amparei
o bem que fiz apagou
os crimes que pratiquei

Não me prenderam entreguei-me
porque já estava cansado
1 dos meus cabras feriu-me
vi-me doenta e roubado
vim morrer nesta prisão
cumprí a lei do meu fado

Vim Juazeiro 9-4-57

Preço 4 Cruzeiros

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

HISTORIA DA ESCRAVA GUIOMAR

